

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT01.010

(DI)GERINDO O APAGÃO DE PROFESSORES: OUTRAS FACES DA MOEDA

Stella de Mello Silva¹

Graça Caldas²

RESUMO

Este artigo discute o fenômeno do apagão de professores no Brasil, a partir da perspectiva de gestores da área de Educação a Distância (EaD): o presidente da UNIVESP – Dr. Marcos Augusto Borges; e o sócio consultor da *Hoper Educação* – Dr. Adriano Coelho. Como referencial teórico-metodológico elencam-se: Marília Amorim (2009;2012), abordando as finalidades norteadoras da Educação, e Mikhail Bakhtin (2014;2015), tratando do signo e de sua perspectiva ideológica a partir de valores semióticos do discurso. Notou-se como o “discurso da ciência” pode ser apropriado por lógicas mercadológicas ou pelo interesse público; além disso, foi possível comprovar como os signos ideológicos estão presentes nas falas dos gestores, revelando termos como “apagão”, “dados” e “raridade” carregados de sentidos que legitimam ou contestam determinadas visões de mundo e interesses. A análise comparativa evidenciou, por meio das entrevistas em profundidade, que, embora ambos os gestores reconheçam desafios e problemas na formação docente, suas propostas e interpretações divergem fundamentalmente, refletindo as tensões entre o pragmatismo de mercado e a missão social da educação.

Palavras-chave: Apagão de Professores, Formação de Professores, Educação a Distância.

1 Professora do Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP - SP, stella.mello@acad.unasp.edu.br.

2 Jornalista e Professora do Labjor/Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, gcaldas@unicamp.br.

INTRODUÇÃO

O cenário educacional brasileiro contemporâneo é marcado por desafios multifacetados, entre os quais se destaca o fenômeno do “apagão de professores”. Projeções recentes indicam que, se nenhuma medida efetiva for tomada, o Brasil poderá enfrentar um déficit de até 235 mil docentes na Educação Básica até o ano de 2040³. Essa escassez não se restringe apenas a números, mas reflete uma crise complexa, impulsionada por fatores como a desvalorização da carreira docente, salários pouco atraentes, condições de trabalho precárias e a percepção de falta de prestígio social⁴. Diante desse panorama, a Educação a Distância (EaD) emerge como uma modalidade que, ao mesmo tempo em que oferece um potencial significativo para a democratização do acesso à formação de professores, também suscita debates e controvérsias, especialmente no que tange à qualidade e à adequação de seus métodos para a formação de educadores aptos a lidar com as demandas do século XXI. A recente Resolução CNE/CP nº 4/2024, que estabelece a obrigatoriedade de 50% de aulas presenciais nos cursos de EaD, exemplifica a tensão existente entre as políticas regulatórias e a realidade das instituições e dos estudantes.

É neste contexto que se propõe uma análise crítica do fenômeno do apagão de professores no Brasil, a partir da perspectiva de dois gestores educacionais de destaque: o Dr. Marcos Augusto Borges, presidente da

3 A) Instituto Semesp. Risco de apagão de professores no Brasil. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/pesquisas/risco-de-apagao-de-professores-no-brasil/> . Acesso em: 29 jul. 2025. B) Jornal da USP. Brasil poderá ter carência de 235 mil professores de educação básica até 2040. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/brasil-podera-ter-carencia-de-235-mil-professores-de-educacao-basica-ate-2040/> . Acesso em: 29 jul. 2025. [3] Fundação Carlos Chagas. Apagão de professores: Brasil pode ter déficit de até 235 mil docentes até 2040. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fluxo-educacao/apagao-de-professores-brasil-deficit-de-ate-235-mil-docentes-ate-2040> . Acesso em: 29 jul. 2025.

4 A) Revista Educação. Apagão docente: como evitar falta de professores no Brasil. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2025/05/08/apagao-docente-brasil/> . Acesso em: 29 jul. 2025. [5] LinkedIn. B) Apagão docente no Brasil. Disponível em: <https://www.linkedin.com/news/story/apag%C3%A3o-docente-no-brasil-6389452/> . Acesso em: 29 jul. 2025.

Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP), e o Dr. Adriano Coelho, sócio consultor da *Hoper* Educação. Por meio de entrevistas em profundidade - técnica de coleta de dados caracterizada por ser mais livre, flexível e aberta, permitindo ao entrevistado expressar-se com mais liberdade sobre o tema em questão - o objetivo foi captar a perspectiva dos sujeitos sobre suas vivências, explorando as motivações e os significados subjacentes às falas (MARCONI, 2017). No contexto deste artigo, a escolha dessa metodologia foi crucial para captar as diferentes visões sobre a crise da formação docente no Brasil, permitindo que os entrevistados expressassem suas ideias de forma mais livre e detalhada, buscando compreender como esses atores enxergam possíveis soluções e desafios inerentes à formação docente, com especial atenção à modalidade EaD.

Como referencial teórico-metodológico, a pesquisa se fundamenta nas contribuições de Marília Amorim (2009; 2012), que aborda as finalidades norteadoras da Educação e o “discurso da ciência”, o qual discute a argumentação na esfera pública; e de Mikhail Bakhtin (2014; 2015), com a teoria dos gêneros do discurso e a teoria do signo e da perspectiva ideológica a partir dos valores semióticos do discurso. A análise de conteúdo das entrevistas foi realizada de forma indutiva e dedutiva, buscando identificar categorias e subcategorias temáticas, aprofundar a compreensão dos discursos e correlacioná-los com os conceitos teóricos, evitando jargões técnicos e priorizando uma estilística humana e analítica.

As entrevistas revelaram uma tensão fundamental entre a lógica de mercado da educação privada e a missão social da educação pública e é neste sentido que a leitura dos discursos objetiva oferecer uma compreensão mais aprofundada das complexidades envolvidas na crise da formação docente no Brasil, confrontando diferentes olhares e contribuindo para o debate sobre o futuro da educação no país.

DESENVOLVIMENTO

A PERSPECTIVA DO MERCADO: O DISCURSO DE ADRIANO COELHO E A MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO

A análise do discurso do Dr. Adriano Coelho, sócio consultor da *Hoper* Educação, revela uma perspectiva profundamente enraizada na lógica de mercado, que permeia sua compreensão sobre o “apagão de professores” e as dinâmicas da educação brasileira. A *Hoper*, como consultoria estratégica para grandes conglomerados educacionais, opera em um cenário onde a educação é vista, em grande medida, como um setor de investimento e consolidação de *market share*.

A MERCANTILIZAÇÃO E A PRIMAZIA DOS DADOS

Coelho descreve a atuação da *Hoper* no atendimento a “consolidadores” do mercado educacional, que detêm a maior parte do setor: “Nós chamamos de consolidadores, porque, na verdade, eles fazem esse movimento de compra e vão consolidando o seu posicionamento de mercado, o seu *market share*. Hoje, 54/56% do mercado está na mão deles”. Essa concentração de mercado, naturalizada no discurso, é um reflexo da crescente mercantilização da educação superior no Brasil, onde grandes grupos econômicos adquirem e expandem suas operações, transformando instituições de ensino em ativos financeiros. A *Hoper*, nesse contexto, atua como um facilitador desse processo, oferecendo consultoria baseada em “dados, sempre, sempre, sempre, sempre”, assegura.

Essa primazia dos dados e da leitura de mercado sobre questões estritamente acadêmicas é um ponto central na fala de Coelho. Ele afirma categoricamente: “Nós trabalhamos com a área de mercado. A gente olha número, faz cenário, faz a projeção. A intervenção acadêmica, ou a sugestão de modificações pedagógicas, não é o nicho da *Hoper*, pois não temos, não temos liberdade para isso.”

Essa postura reflete a crítica de Marília Amorim (2009, p. 23) sobre o “discurso da ciência” quando este é apropriado por lógicas que não visam o bem comum, mas sim a eficiência e o lucro. O que se apresenta como um discurso objetivo e técnico, baseado em dados, pode, na verdade, mascarar interesses econômicos e desviar o foco das finalidades mais amplas da educação, que deveriam incluir a formação integral do indivíduo e o desenvolvimento social.

O perfil dos consultores da *Hoper*, em sua maioria doutores, mas com um foco em “leitura de mercado” e “discurso de mercado”, reforça essa orientação. A *expertise* acadêmica é mobilizada não para aprofundar debates pedagógicos ou epistemológicos, mas para fundamentar análises de cenário e projeções financeiras, legitimando as decisões dos investidores e dos grandes grupos educacionais. A participação da *Hoper* em eventos como o “*Education Day*” de grandes instituições financeiras como *Morgan Stanley*, *Bradesco*, *BBI*, *BTG* e *Santander* ilustra a profunda imbricação entre o capital financeiro e o setor educacional, onde os “grandes grupos que estão na Bolsa de Valores... vivem de investidores”.

A visão de Coelho sobre a educação como um setor de mercado também se alinha, em certa medida, às preocupações levantadas por autores como Nóvoa (1992) e Tardif (2002) sobre as transformações na profissão docente e na formação de professores. Nóvoa (1992, p. 15), ao discutir a identidade profissional dos professores, aponta para a crescente pressão por uma racionalidade técnica e instrumental na educação, que muitas vezes desconsidera as dimensões éticas e políticas da docência. A ênfase de Coelho nos “dados” e na “leitura de mercado” reflete essa instrumentalização, onde a qualidade é mensurada por métricas de eficiência e rentabilidade, e não necessariamente por um aprofundamento pedagógico ou pela formação de um profissional crítico e reflexivo.

Tardif (2002, p. 54), por sua vez, ao analisar os saberes docentes, destaca a complexidade do trabalho do professor, que envolve saberes experienciais, disciplinares, curriculares e profissionais. A redução da formação docente a um mero alinhamento com as “necessidades do

mercado”, como sugerido implicitamente por Coelho, pode negligenciar a riqueza e a diversidade desses saberes. A consultoria da *Hoper*, ao focar na “leitura de mercado” e no “discurso de mercado”, contribui para a disseminação de uma lógica que prioriza a adaptabilidade do professor às demandas do setor privado, em detrimento de uma formação mais abrangente que o capacite a atuar em diferentes contextos e a questionar as próprias estruturas que moldam a educação.

Coelho reitera a centralidade dos dados para a *Hoper*: “A gente olha número, faz cenário, faz a projeção”. Essa abordagem, embora essencial para a gestão empresarial, seja no setor público ou privado, pode ser limitante quando aplicada à complexidade da educação. A educação, como um fenômeno social e humano, não pode ser reduzida apenas a números e projeções financeiras. A mercantilização, ao transformar o aluno em cliente e o professor em prestador de serviço, pode desvirtuar o propósito intrínseco da educação, que é a formação integral do indivíduo e o desenvolvimento social. A participação da *Hoper* em eventos de grandes instituições financeiras reforça a ideia de que o capital financeiro não apenas influencia, mas molda as políticas e práticas educacionais, priorizando o retorno sobre o investimento em detrimento de outras finalidades mais amplas da educação. A fala de Coelho sobre os “grandes grupos que estão na Bolsa de Valores... vivem de investidores” explicita essa realidade, onde a educação se torna um ativo no mercado de capitais.

A NEGAÇÃO DO APAGÃO QUANTITATIVO E A RESSIGNIFICAÇÃO QUALITATIVA

Um dos pontos mais contundentes do discurso do consultor da *Hoper* é a negação do “apagão de professores” como um fenômeno de escassez numérica. Ele classifica essa narrativa como “muita retórica”, “muito mais do que número” e “muito discurso político”. Para Coelho, a estatística de que “vai faltar 240 mil professores” é “muito pouco” e uma “estatística pobre”. Essa desqualificação do discurso quantitativo é um movimento

estratégico que, à luz de Bakhtin (2015, p. 36), revela a natureza ideológica do signo. O termo “apagão”, que na esfera pública é comumente associado à falta de profissionais, é ressignificado para um problema de outra ordem.

Ele compara a situação da docência com a de outras áreas, como TI e Administração, onde “não é que está faltando gente; tem gente, mas não tem uma formação adequada que atenda às necessidades atuais de mercado”. O “apagão” passa a ser, em seu discurso, um problema de “formação para um novo tempo, um novo ambiente e novas condições”. Ele enfatiza a necessidade de um “professor para um novo aluno, para um novo contexto, para um novo processo”, e conclui: “Eu acho que isso é apagão, isso é apagão”. Essa redefinição do problema desloca a responsabilidade da estrutura (falta de vagas, baixos salários, desvalorização) para a formação e a capacidade individual do professor. A preocupação da *Hoper*, está na “ambiência de formação do professor inicial”, o que reforça a ideia de que o problema reside na base da formação e não na quantidade de profissionais disponíveis.

A desqualificação do “apagão de professores” como um problema meramente numérico por Adriano Coelho, e sua ressignificação para uma crise de qualidade e adequação da formação, encontra eco e, ao mesmo tempo, contrasta com as análises de Gatti e Barreto (2009) e Orlandi (1996). Gatti e Barreto (2009, p. 11), em sua obra “Professores do Brasil: impasses e desafios”, destacam a complexidade da questão docente no país, que envolve tanto a escassez de profissionais em determinadas áreas e regiões quanto a necessidade de qualificação e formação continuada. Elas apontam que a expansão da escolarização básica no Brasil, a partir de meados do século XX, gerou uma demanda crescente por professores, que foi suprida muitas vezes de forma improvisada, resultando em um quadro de formação heterogênea e, por vezes, deficitária. A visão de Coelho, de que “não é que está faltando gente; tem gente, mas não tem uma formação adequada que atenda às necessidades atuais de mercado”,

embora ignore a dimensão quantitativa da crise, converge com a preocupação de Gatti e Barreto com a qualidade da formação docente.

Sob a ótica de Orlandi (1996, p. 14), é possível inferir que a forma como Coelho constrói seu discurso sobre o “apagão” revela as “relações de força” e o “lugar social” de onde ele fala. O signo “apagão”, em seu discurso, é reconfigurado para servir a uma determinada ideologia, que, como Bakhtin (2015, p. 36) aponta, é um campo de luta ideológica.

A CRÍTICA À DICOTOMIA EAD VERSUS PRESENCIAL E A INTENCIONALIDADE PEDAGÓGICA

O consultor da *Hoper* critica a polarização entre Educação a Distância (EaD) e ensino presencial. Ele argumenta que a modalidade não é o fator determinante da qualidade, mas sim a “intencionalidade que está por trás da construção daquele projeto de formação”. Ao afirmar que o EaD “permitiu que muita gente pudesse vir”, ele reconhece o papel inclusivo da modalidade, mas ressalta que “a gente perdeu coisas basilares”, que estão sendo tentadas resgatar com novos sistemas de avaliação.

A desqualificação do debate sobre as modalidades, pode ser analisada sob a ótica de Amorim (2012, p. 45) sobre a argumentação na esfera pública. Ao simplificar a complexidade da discussão, ele busca deslegitimar um debate que, para ele, é “político” e não “técnico” (baseado em dados). A menção de que o EaD pode ter “nota muito maior do que no presencial” é utilizada como um argumento de autoridade baseado em métricas de mercado, reforçando a ideia de que a qualidade não reside na forma, mas na capacidade de um projeto de formação de se alinhar às expectativas do mercado.

A crítica de Adriano Coelho à dicotomia entre EaD e ensino presencial, ressalta a importância da “intencionalidade que está por trás da construção daquele projeto de formação”. Essa visão, embora aparentemente progressista ao focar na qualidade intrínseca do projeto pedagógico, inde-

pendentemente da modalidade, pode ser analisada sob a ótica de Nóvoa (1992) e Tardif (2002) no que tange à formação de professores.

Nóvoa (1992, p. 25) argumenta que a formação de professores não pode ser reduzida a um conjunto de técnicas ou metodologias, mas deve envolver uma reflexão profunda sobre a identidade profissional e o papel social do educador. A ênfase de Coelho na “intencionalidade” pode, nesse contexto, ser interpretada como uma busca por uma formação que atenda a objetivos específicos, muitas vezes ditados pelo mercado, em detrimento de uma formação mais ampla e crítica. Ao afirmar que o EaD “permitiu que muita gente pudesse vir”, ele reconhece o alcance da modalidade, mas a ressalva de que “a gente perdeu coisas basilares”, sugere uma preocupação com a essência da formação, que nem sempre é capturada por métricas de desempenho.

Tardif (2002, p. 78), ao discutir a relação entre saberes e formação profissional, aponta para a necessidade de uma formação que integre diferentes tipos de saberes – disciplinares, curriculares, experienciais e profissionais – e que prepare o professor para lidar com a complexidade da prática pedagógica. A ideia de que a qualidade reside na “intencionalidade” do projeto, sem uma discussão aprofundada sobre os saberes que devem ser mobilizados e construídos na formação, pode levar a uma simplificação do processo formativo. A menção de Coelho de que o EaD pode ter “nota muito maior do que no presencial” é um exemplo de como a lógica de mercado, baseada em indicadores de desempenho, pode sobrepor-se a uma avaliação mais qualitativa e abrangente da formação docente. Essa perspectiva, embora possa impulsionar a inovação e a eficiência, corre o risco de negligenciar aspectos fundamentais da formação que não são facilmente mensuráveis por meio de notas ou rankings. A preocupação de Coelho em “resgatar” o que foi perdido no EaD, através de “novos sistemas de avaliação”, demonstra uma busca por validação e legitimidade dentro de um quadro de referência que valoriza a mensuração e a comparação, características do discurso mercadológico.

IDENTIDADE DOCENTE, MINDSET E A INDIVIDUALIZAÇÃO DO SUCESSO

Um dos aspectos mais ideológicos do discurso de Adriano Coelho reside na sua abordagem sobre a identidade docente e o sucesso profissional. Ele enfatiza a responsabilidade individual do professor por sua trajetória, afirmando: “É você que se torna uma raridade. Mas isso não tem nada a ver com a docência. Isso é em qualquer profissão”. Essa visão ecoa uma ideologia meritocrática, onde o sucesso é fruto exclusivo do esforço e da dedicação individual (“Eu leio um livro por semana. Eu estudo. ... É trabalho, é estudo, é correr atrás”).

Para Bakhtin (2015, p. 30), o signo é um campo de luta ideológica, e o signo “raridade” no discurso de Coelho é carregado de um sentido que individualiza o sucesso e, por extensão, o fracasso. Ao mesmo tempo em que critica a formação inicial por “formar o cara para a vida de pobreza” e por aceitar “condições que foram pré-impostas”, ele oferece uma saída individualista para a desvalorização da carreira. Essa contradição revela a tensão entre a ideologia do mercado (que valoriza a iniciativa individual) e a realidade estrutural da profissão docente, que é marcada por baixos salários, precariedade e falta de reconhecimento social. O discurso de Coelho, ao mesmo tempo que critica a formação que perpetua a precariedade, desvia a atenção das condições sistêmicas que levam à desvalorização da carreira, colocando a responsabilidade sobre o próprio docente e seu “*mindset*”.

Ele ilustra sua tese com seu próprio exemplo de sucesso financeiro na docência, ganhando “300 reais” por hora-aula e tendo que “escolher o que eu vou fazer”. Esse exemplo, embora inspirador em termos de autonomia e valorização pessoal, é apresentado como um modelo a ser seguido por todos, ignorando as desigualdades estruturais que impedem a maioria dos professores de alcançar tal patamar. A afirmação de que “no meio docente, a gente talvez tenha uma volumetria acima do normal das pessoas que se satisfazem com tão pouco” reforça a ideia de que a desvalorização é, em parte, uma escolha ou uma falta de ambição dos

próprios professores, e não uma consequência de políticas públicas ou de um sistema educacional que não valoriza a profissão.

A abordagem de Adriano Coelho sobre a identidade docente e o sucesso profissional, que enfatiza a responsabilidade individual do professor, alinha-se a uma perspectiva que Nóvoa (1992) e Tardif (2002) abordam em suas discussões sobre a profissionalização docente. Nóvoa (1992, p. 30) destaca que a identidade profissional do professor é construída na intersecção entre o individual e o coletivo, entre a experiência pessoal e as condições sociais e institucionais. A insistência de Coelho na ideia de que o professor deve se tornar uma “raridade” através de esforço individual (“Eu leio um livro por semana. Eu estudo. ... É trabalho, é estudo, é correr atrás”) reflete uma visão que, embora valorize a autonomia e a busca por excelência, pode negligenciar as estruturas que limitam o desenvolvimento profissional de muitos docentes.

Tardif (2002, p. 95), por sua vez, argumenta que os saberes docentes são socialmente construídos e que a profissionalização do professor não pode ser vista apenas como um processo individual de aquisição de competências, mas como um movimento coletivo de reconhecimento e valorização da profissão. A crítica de Coelho à formação inicial por “formar o cara para a vida de pobreza” e por aceitar “condições que foram pré-impostas” aponta para um problema real, mas sua solução, focada na individualização do sucesso e na mudança de “mindset”, desvia a atenção das políticas públicas e das condições de trabalho que perpetuam a desvalorização da carreira.

CRÍTICA ÀS POLÍTICAS EDUCACIONAIS E A FALTA DE “CHÃO DE SALA”

O sócio consultor da *Hoper Educação*, que defende claramente a lógica do mercado também direciona críticas às políticas educacionais e à gestão pública, apontando a falta de experiência prática dos formuladores de políticas. Ele criticou a postura dos participantes da live promovida pela ANFOPE (Associação Nacional Pela Formação dos Profissionais da

Educação), em 05/07, às 16h, que tratou do ENADE DAS LICENCIATURAS 2024 e que foi transmitida pelo Youtube. A live contou com a participação do Diretor de Avaliação da Educação Superior do INEP/MEC - Dr. Ulysses Tavares Teixeira - e mediada pelo professor da UFRGS, Dr. Sérgio Franco e pela professora da Univates e Coordenadora da ANFOPE-RS, Dra. Cristiane Hauschild Johann. Segundo Coelho, as falas dos representantes do INEP demonstraram “desespero total da nova DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais/2024) de licenciatura”, sugerindo que as regulamentações governamentais são vistas como obstáculos aos modelos de negócio já estabelecidos. Essa perspectiva reforça a ideia de que o mercado é mais eficiente na resolução dos problemas educacionais do que o Estado, especialmente quando este último não compreende as dinâmicas e necessidades do setor privado.

Nóvoa (1992, p. 50) enfatiza a importância da experiência e do saber prático dos professores na construção de uma identidade profissional sólida e na formulação de políticas educacionais que sejam relevantes e aplicáveis. A desqualificação de profissionais sem vivência pedagógica para cargos estratégicos, como um “advogado” na presidência do Conselho Nacional de Educação, é vista por Coelho como um fator que contribui para um “círculo vicioso do mal”. Essa crítica, embora possa ser interpretada como um gênero discursivo que busca deslegitimar a intervenção estatal quando ela não se alinha aos interesses do mercado, também levanta um ponto crucial sobre a representatividade e a expertise na formulação de políticas públicas.

A menção ao “desespero total da nova DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais/2024) de licenciatura” entre os grandes grupos educacionais sugere que as regulamentações governamentais são vistas como obstáculos aos modelos de negócio já estabelecidos. Essa perspectiva reflete uma tensão entre a regulação estatal e a autonomia do mercado.

A PERSPECTIVA DA UNIVERSIDADE PÚBLICA: O DISCURSO DE MARCOS BORGES E A MISSÃO SOCIAL DA UNIVESP

Em contraste com a visão predominantemente mercadológica de Adriano Coelho, o discurso do Dr. Marcos Borges, presidente da UNIVESP, oferece uma perspectiva institucional que ressalta a missão social da universidade pública e o potencial da Educação a Distância (EaD) como ferramenta de inclusão e democratização. Sua fala, embora também permeada por uma lógica de eficiência e resultados, posiciona a UNIVESP como um modelo de sucesso na formação de professores, capaz de enfrentar o “apagão” docente.

A UNIVESP COMO CONTRAPONTO AO “APAGÃO” E O SUCESSO DO EAD PÚBLICO

Marcos Borges inicia sua fala refutando a ideia de um “apagão” na UNIVESP: “A Univesp não tem esse apagão. Pelo contrário.”. Ele sustenta essa afirmação com dados concretos: a UNIVESP oferece 8.500 vagas anuais para licenciaturas e pedagogia, e “completa 100% das vagas”. Além disso, a pedagogia é o curso mais concorrido da instituição e a UNIVESP formou cerca de 4 mil pedagogos licenciados no início do ano. A menção à capilaridade de 420 polos em 370 municípios do interior de São Paulo reforça o alcance institucional da UNIVESP, ainda que não permita, por si só, avaliar as condições de acompanhamento pedagógico e a efetividade da formação ofertada. Esse relato pode ser interpretado como um gênero discursivo afirmativo, voltado a legitimar a UNIVESP como parte das soluções possíveis para a crise da formação docente, embora sem aprofundar os limites e desafios que ainda persistem. Borges reconhece, porém, que outras “excelentes universidades públicas” enfrentam dificuldades para preencher vagas em licenciaturas presenciais, indicando uma “menor procura”.

O discurso de Marcos Borges oferece um contraponto importante. Essa perspectiva se alinha com as preocupações de Gatti e Barreto (2009) sobre a necessidade de formação de professores em larga escala no Brasil. Gatti e Barreto (2009, p. 94) reconhecem o papel da Educação a Distância na expansão do acesso à formação docente, especialmente em um país de dimensões continentais como o Brasil, onde a oferta presencial é muitas vezes insuficiente para atender à demanda.

Borges enfatiza que a UNIVESP, como universidade pública, tem um papel fundamental na democratização do acesso ao ensino superior e na formação de profissionais para o serviço público. Ele menciona que a instituição atende a “mais de 400 municípios” e que a maioria de seus alunos são “servidores públicos”, o que reforça o caráter social da universidade. Essa capilaridade e o foco na formação de servidores públicos ressoam com a ideia de Nóvoa (1992, p. 45) de que a formação de professores deve estar intrinsecamente ligada ao desenvolvimento de um projeto educativo nacional, que contemple as necessidades sociais e as particularidades de cada contexto.

O presidente da UNIVESP também destaca a qualidade da formação oferecida, mencionando que a instituição possui “nota 4 no Enade” – as notas variam de, no mínimo, 3 a 7. A associação entre indicadores como a nota 4 no Enade e a abrangência de vagas sugere uma tentativa de conciliar expansão do acesso e parâmetros de qualidade, embora esses dados devam ser analisados com cautela diante das complexidades próprias da EaD.

A visão de Marcos Borges sobre a UNIVESP como uma solução para o “apagão de professores” através do EaD público e de qualidade se alinha com a necessidade de repensar a formação docente em um contexto de massificação e diversificação do ensino.

Tardif (2002, p. 112) destaca a importância dos saberes experienciais e práticos na formação de professores. Embora a EaD possa ser vista como um desafio para a construção desses saberes, Borges enfatiza que a UNIVESP busca superar essa barreira através de metodologias inovadoras e da

integração de práticas pedagógicas que simulam a realidade da sala de aula. A preocupação da UNIVESP em formar professores para atuar em diferentes contextos, incluindo a educação básica, demonstra um compromisso com a missão social da universidade pública e com a qualidade da educação no país.

Borges também aborda a questão da evasão, um desafio comum na EaD, afirmando que a UNIVESP tem taxas de evasão “muito baixas”. Ele atribui esse sucesso à qualidade do material didático, à tutoria e ao acompanhamento pedagógico oferecido aos alunos. Essa preocupação com a permanência e o sucesso dos estudantes demonstra um compromisso com a formação integral do professor, que vai além da mera transmissão de conteúdo.

ESTRUTURA PEDAGÓGICA E DE APOIO: A QUALIDADE DO EAD DA UNIVESP

Um dos pilares do discurso de Marcos Borges é a descrição detalhada da complexa estrutura pedagógica e de apoio que sustenta a qualidade do ensino na UNIVESP. Ele desmistifica a ideia de que o EAD é uma modalidade de menor qualidade, explicando os múltiplos níveis de acompanhamento: “a gente tem os professores internos... os supervisores... os facilitadores... Tem toda uma rede”. Essa rede inclui professores internos que definem currículos e políticas, supervisores (com mestrado e doutorado) que acompanham as disciplinas, e facilitadores (alunos de mestrado e doutorado de universidades públicas) que interagem diretamente com os alunos.

A exigência na contratação de conteudistas, que devem ser professores doutores de universidades de ponta como USP, UNICAMP e UNESP, e que publiquem na área, reforça o compromisso com a excelência acadêmica. A adaptação curricular, com disciplinas de embasamento no primeiro semestre (português, inglês, matemática, pensamento computacional e ética), demonstra a preocupação da instituição em nivelar

o conhecimento dos alunos e prepará-los para o rigor acadêmico, independentemente de sua formação prévia. Esta descrição da estrutura pedagógica da UNIVESP busca desmistificar críticas à EaD e reforçar sua legitimidade. Mas embora tal estrutura dialogue com finalidades educacionais mais amplas (Amorim, 2009), sua efetividade ainda depende de fatores como permanência estudantil, qualidade da interação e inserção profissional.

PERFIL DO ALUNO E IMPACTO SOCIOECONÔMICO

Marcos Borges enfatiza, ainda, o perfil socioeconômico dos alunos da UNIVESP, destacando que “80% têm renda familiar abaixo de três salários-mínimos. É muito humilde”. Este dado sinaliza o atendimento a um público de baixa renda, o que pode indicar relevância social da instituição pública, mas não resolve automaticamente as questões de valorização profissional e mobilidade social dos egressos. Além disso, aponta que a alta procura por pedagogia na UNIVESP se deve, em grande parte, aos polos do interior, onde a profissão de professor ainda confere “*status*” e é vista como uma oportunidade de emprego com boa qualidade e prestígio.

VISÃO SOBRE O APAGÃO DOCENTE E A PRESSÃO POLÍTICA CONTRA O EAD

Embora Marcos Borges negue o “apagão” na UNIVESP, ele adota uma postura mais cautelosa ao comentar a afirmação de Adriano Coelho de que o apagão é um “discurso político”. Como professor da UNICAMP, ele se mostra “muito criterioso para falar qualquer coisa. Tão definitivo, assim”. A postura cuidadosa, marcada pela recusa a afirmações categóricas, pode ser lida como alinhada ao rigor acadêmico, mas também evidencia uma estratégia discursiva de distanciamento frente a controvérsias. Ele reconhece a “menor procura” por licenciaturas presenciais em universidades

de ponta, o que corrobora a ideia de uma mudança de interesse dos estudantes em relação às modalidades de ensino.

Borges também aborda a “pressão, aí sim, uma questão política contra o EaD” e o “incômodo” que o interesse crescente por essa modalidade gera. Essa percepção de uma “luta ideológica” em torno do EaD é central para a compreensão bakhtiniana do discurso (Bakhtin, 2015, p. 35). O EaD, como signo, é disputado por diferentes forças: de um lado, aqueles que o veem como uma solução para a democratização e o acesso; de outro, aqueles que o criticam por questões de qualidade ou por interesses políticos e econômicos (como a defesa do presencial por instituições que se beneficiam dele).

ANÁLISE COMPARATIVA: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS NAS PERSPECTIVAS DOS GESTORES

O “APAGÃO” DOCENTE: QUANTIDADE VERSUS QUALIDADE

A principal divergência entre os gestores reside na compreensão do “apagão” docente. Adriano Coelho, com sua visão mercadológica, nega o fenômeno como uma escassez quantitativa, classificando-o como “discurso político” e “estatística pobre”. Para ele, o problema não é a falta de professores, mas a falta de profissionais com a “formação adequada que atenda às necessidades atuais de mercado”. O “apagão” é, portanto, ressignificado para um problema qualitativo, de “formação inicial” e de “identidade docente”. Essa ressignificação, à luz de Bakhtin (2015, p. 5), serve a um propósito ideológico: despolitizar a questão da escassez e transferir a responsabilidade para a qualidade da formação e para o próprio indivíduo professor.

Marcos Borges, por outro lado, embora não negue a existência de uma menor procura por licenciaturas em universidades públicas presenciais, contrapõe a lógica do mercado à realidade da UNIVESP, onde não

há “apagão” e as vagas são preenchidas integralmente, especialmente em Pedagogia.

A divergência entre os gestores dos diferentes modelos de EaD – privado e público - não é sobre a existência de problemas, mas sobre sua natureza e sobre as soluções propostas: enquanto Coelho foca na importância da adequação ao mercado, Borges ressalta o papel da instituição pública em suprir a demanda por formação docente.

EAD: MODALIDADE DE MERCADO VERSUS FERRAMENTA DE INCLUSÃO

Ambos os gestores abordam a Educação a Distância, com ênfases distintas. Adriano Coelho critica a dicotomia EaD *versus* presencial como “ridículo”, defendendo que a qualidade reside na “intencionalidade” do projeto de formação. Sua argumentação, embora aparentemente pragmática, pode ser interpretada como uma forma de desviar o foco de questões regulatórias e estruturais, priorizando a capacidade de um projeto educacional de atender às demandas do mercado e de gerar resultados. A menção de que o EaD pode ter “nota muito maior do que no presencial” é utilizada como um argumento de autoridade baseado em métricas de mercado.

Já Marcos Borges posiciona o EaD da UNIVESP como uma ferramenta de inclusão e democratização do acesso à educação superior. Ao destacar o perfil socioeconômico dos alunos (“80% têm renda familiar abaixo de três salários-mínimos”) e a capilaridade dos polos no interior, ele alinha o EaD a uma finalidade também social de acesso à universidade. A UNIVESP, nesse sentido, cumpre um papel crucial na redução das desigualdades e na promoção da ascensão social. Ao mesmo tempo, a estrutura pedagógica robusta e a exigência na contratação de profissionais qualificados na UNIVESP servem para legitimar o EaD público como uma alternativa de alta qualidade, capaz de atender às necessidades de alunos com formação básica precária, um ponto crucial para as finalidades da educação (Amorim, 2009, p. 19).

A IDENTIDADE DOCENTE E A RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL/ ESTRUTURAL

A questão da identidade docente e da desvalorização da carreira também apresenta nuances. Adriano Coelho enfatiza a responsabilidade individual do professor por sua trajetória, promovendo uma ideologia meritocrática onde o sucesso é fruto do esforço e da dedicação pessoal (“É você que se torna uma raridade”). Ele critica a formação inicial por “formar o cara para a vida de pobreza”, mas oferece uma saída individualista para a desvalorização, desviando a atenção das condições sistêmicas. Essa visão, embora possa inspirar a busca por excelência, ignora as desigualdades estruturais que impedem a maioria dos professores de alcançar tal patamar.

Marcos Borges, embora não se aprofunde na questão da identidade docente, reconhece que a “remuneração de professor, perspectiva de carreira, segurança, essas coisas desanimam mesmo”. No entanto, ele aponta que, em cidades do interior, a profissão ainda confere “status” e prestígio, o que contribui para a alta procura por licenciaturas na UNIVESP nesses locais. Essa observação sugere que a desvalorização da carreira docente é um fenômeno complexo, que varia de acordo com o contexto geográfico e socioeconômico, e que a universidade pública pode desempenhar um papel importante na valorização da profissão em determinadas regiões.

CRÍTICA ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS: PRAGMATISMO VERSUS CAUTELA ACADÊMICA

Ambos os gestores criticam as políticas educacionais, mas com abordagens distintas. Adriano Coelho é mais incisivo, apontando a falta de experiência prática dos formuladores de políticas (“pessoas que não têm chão de sala”) e a escolha de profissionais sem vivência pedagógica para cargos estratégicos. Sua crítica, que busca deslegitimar a intervenção estatal quando ela não se alinha aos interesses do mercado, sugere que o mercado é mais eficiente na resolução dos problemas educacionais do que o Estado.

Marcos Borges, por sua vez, adota uma postura mais cautelosa e acadêmica. Ao ser questionado sobre a afirmação de Coelho de que o apagão é um “discurso político”, ele responde com rigor e ponderação: “Eu não sei. Eu estaria sendo muito ousado. Eu sou um professor da Unicamp e como professor da Unicamp, a gente sempre é muito criterioso para falar qualquer coisa. Tão definitivo, assim”. Essa postura reflete uma ética acadêmica de responsabilidade na argumentação (Amorim, 2012, p. 29). Ele reconhece a “pressão... política contra o EaD”, o que demonstra a consciência da luta ideológica em torno da modalidade, mas sua argumentação é baseada na experiência bem-sucedida da UNIVESP, e não em uma desqualificação generalizada das políticas públicas.

Em síntese, as entrevistas revelam uma tensão fundamental entre a lógica de mercado, representada por Adriano Coelho, e a missão social da universidade pública, defendida por Marcos Borges. Enquanto o primeiro prioriza a eficiência, os dados e a adequação às demandas do mercado, o segundo enfatiza a inclusão, a democratização do acesso e a qualidade da formação, mesmo em um contexto de desafios estruturais. Ambos os discursos, no entanto, são atravessados por signos ideológicos e gêneros discursivos que buscam legitimar suas respectivas posições na esfera pública da educação brasileira, revelando as complexas disputas em torno da formação de professores no Brasil contemporâneo.

A RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 4/2024 E O FUTURO DA EAD NA VISÃO DA UNIVESP

Marcos Borges expressa uma visão crítica, mas pragmática, em relação à Resolução CNE/CP nº 4/2024, que estabelece a obrigatoriedade de 50% de aulas presenciais nos cursos de EaD. Ele reconhece que a resolução “traz um desafio”, mas enfatiza que a UNIVESP está preparada para se adaptar, pois já possui uma estrutura de polos presenciais. Essa adaptabilidade da UNIVESP, uma instituição pública, contrasta com o “desespero total” dos grandes grupos educacionais privados, como mencionado por

Adriano Coelho. Essa diferença de reação pode ser compreendida à luz da análise de Gatti e Barreto (2009), que apontam para a diversidade de modelos e realidades na educação superior brasileira, onde instituições públicas e privadas operam sob lógicas distintas.

Borges argumenta que a discussão sobre a obrigatoriedade de aulas presenciais deveria focar na “qualidade da formação” e não na “modalidade”. Essa perspectiva se alinha com o pensamento de Nóvoa (1992), que defende uma formação docente que transcenda a mera transmissão de conteúdos e se concentre no desenvolvimento de competências e na reflexão crítica sobre a prática pedagógica. Para Nóvoa (1992, p. 78), a formação de professores deve ser um processo contínuo de construção de saberes, que não se limita ao espaço físico da sala de aula. A EaD, quando bem estruturada, pode oferecer um ambiente rico para essa construção, desde que haja uma intencionalidade pedagógica clara e um acompanhamento adequado.

O presidente da UNIVESP também aborda a questão da tecnologia na educação, afirmando que ela “não é um fim em si mesma, mas um meio”. Essa visão pragmática da tecnologia, que a coloca a serviço da educação e não o contrário, é fundamental para evitar o deslumbramento com as inovações e focar no que realmente importa: a aprendizagem do aluno e a formação do professor. Tardif (2002, p. 130) ressalta que a tecnologia, por si só, não garante a qualidade da educação; é a forma como ela é utilizada e integrada ao processo pedagógico que faz a diferença. Borges expressa otimismo em relação ao futuro da EaD no Brasil, acreditando que a modalidade continuará crescendo e se consolidando como uma alternativa viável e de qualidade para a formação de professores.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O DIÁLOGO COM A SOCIEDADE

A importância do diálogo da universidade com a sociedade e com as demandas do mercado de trabalho, é enfatizada por Marcos Borges, sem, contudo, se submeter a uma lógica puramente mercantil. Ele

menciona que a UNIVESP busca formar professores que estejam preparados para atuar em diferentes contextos, desde a educação básica até o ensino superior, e que sejam capazes de lidar com os desafios e as transformações do século XXI. Essa preocupação com a relevância social da formação docente se alinha com o pensamento de Gatti e Barreto (2009), que defendem uma formação que prepare o professor para atuar como agente de transformação social e para enfrentar os desafios da educação em um país complexo como o Brasil.

Borges também destaca a importância da pesquisa e da extensão na formação de professores, afirmando que a UNIVESP incentiva a participação dos alunos em projetos de pesquisa e em atividades de extensão que os coloquem em contato com a realidade da sala de aula e com as demandas da comunidade. Essa integração entre ensino, pesquisa e extensão é fundamental para a formação de um professor crítico, reflexivo e engajado com a transformação social. Nóvoa (1992, p. 90) argumenta que a pesquisa é um elemento essencial na formação de professores, pois permite que eles desenvolvam uma postura investigativa e que reflitam criticamente sobre sua própria prática.

O presidente da UNIVESP conclui sua fala reforçando o compromisso da instituição com a educação pública, gratuita e de qualidade, e com a formação de professores que sejam capazes de fazer a diferença na vida dos alunos e na sociedade. Essa visão de uma universidade engajada com a transformação social e com a formação de profissionais que atuem como agentes de mudança é um contraponto importante à lógica puramente mercantil que permeia o discurso de Adriano Coelho.

ANÁLISE COMPARATIVA: MERCADO VERSUS MISSÃO SOCIAL NA FORMAÇÃO DOCENTE

A confrontação dos discursos de Adriano Coelho e Marcos Borges revela duas lógicas distintas e, por vezes, antagônicas, que permeiam o debate sobre a formação de professores e o enfrentamento do “apagão”

no Brasil. Enquanto Coelho, representando a *Hoper* Educação, opera sob uma ótica predominantemente mercadológica, Borges, à frente da UNIVESP, defende uma perspectiva de missão social da universidade pública. Essa dicotomia é crucial para compreender as diferentes abordagens e soluções propostas para a crise docente.

A LÓGICA DO MERCADO E A RECONFIGURAÇÃO DA PROFISSÃO

A visão de Coelho, centrada na primazia dos dados e na adaptação às “necessidades de mercado”, reconfigura a profissão docente. Para ele, o “apagão” não é uma escassez numérica, mas uma inadequação qualitativa, onde o professor precisa desenvolver um “*mindset*” de “raridade” para se destacar. Essa individualização do sucesso, como discutido por Nóvoa (1992, p. 30), pode desconsiderar as condições estruturais que afetam a carreira. A ênfase na “intencionalidade” dos projetos educacionais, no contexto da *Hoper*, sugere que a qualidade é definida pela capacidade de gerar resultados financeiros e de atender às demandas do setor privado, em detrimento de uma formação mais abrangente e crítica. Orlandi (1996, p. 14) nos lembra que o lugar social do enunciador molda o discurso, e a fala de Coelho reflete a lógica do capital que busca otimizar processos e maximizar lucros, mesmo na educação.

Essa lógica de mercado, ao mesmo tempo em que impulsiona a inovação e a eficiência, corre o risco de negligenciar a dimensão social e humana da educação. A crítica de Coelho às políticas educacionais e à falta de “chão de sala” nos formuladores de políticas, embora pertinente, é permeada por uma visão que vê a intervenção estatal como um entrave ao progresso, em vez de um mecanismo de garantia de direitos e de promoção da equidade. A tecnologia, em sua visão, “vai ocupando lugar porque o cara deixou espaço”, o que reforça a ideia de que o mercado é mais eficiente na resolução dos problemas educacionais do que o Estado, especialmente quando este último não compreende as dinâmicas e necessidades do setor privado. Essa perspectiva, como apontam

Gatti e Barreto (2009, p. 234), pode levar a diretrizes descoladas da realidade e ineficazes na prática, se não considerarem a complexidade do cenário educacional brasileiro.

PONTOS DE CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA

Apesar das diferenças ideológicas, há pontos de convergência entre os discursos de Coelho e Borges. Ambos reconhecem a importância da EaD como modalidade de ensino e a necessidade de uma formação docente que atenda às demandas do século XXI. No entanto, a forma como cada um interpreta essas demandas e as soluções propostas diverge significativamente. Coelho foca na adaptação do professor ao mercado e na eficiência dos processos, enquanto Borges enfatiza a inclusão, a democratização e a relevância social da formação docente. Essa tensão entre a lógica do mercado e a missão social da educação é um dos principais desafios a serem enfrentados para superar o “apagão de professores” no Brasil.

IMPLICAÇÕES DAS DIFERENTES LÓGICAS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE E A EAD

As visões contrastantes de Adriano Coelho e Marcos Borges sobre o “apagão de professores” e o papel da EaD na formação docente revelam as tensões inerentes ao campo educacional brasileiro. A lógica de mercado, defendida por Coelho, ao priorizar a eficiência e a adaptabilidade do professor às demandas do setor privado, pode, como alertam Nóvoa (1992) e Tardif (2002), desconsiderar a complexidade da identidade profissional e a riqueza dos saberes docentes. Nóvoa (1992, p. 85) realça que a formação não deve ser um mero treinamento para o mercado, mas um processo de desenvolvimento pessoal e profissional que capacite o professor a ser um agente de transformação social. A redução da formação a um “*mindset*” de “raridade” ou a uma busca por “300 reais por hora-aula”,

embora possa ser um incentivo individual, não aborda as questões estruturais da desvalorização da carreira e da precariedade das condições de trabalho que afetam a maioria dos docentes.

Por outro lado, a perspectiva da missão social da universidade pública, encarnada pela UNIVESP de Marcos Borges, busca conciliar a expansão do acesso com a qualidade da formação, utilizando a EaD como ferramenta de inclusão. Gatti e Barreto (2009, p. 101) reconhecem o potencial da EaD para democratizar o acesso à formação, mas ressaltam a importância de garantir a qualidade e a relevância dos cursos. A UNIVESP, ao focar na formação de professores para a educação básica e em serviço, e ao manter uma estrutura de polos e tutoria, demonstra um compromisso com a formação integral do docente, que vai além da mera transmissão de conteúdo. A preocupação de Borges com a baixa evasão e a nota 4 no Enade são indicadores de que a qualidade pode ser alcançada mesmo em larga escala e na modalidade a distância.

A Resolução CNE/CP nº 4/2024, que exige 50% de aulas presenciais nos cursos de EaD, emerge como um ponto de fricção entre essas duas lógicas. Para Coelho, essa regulamentação é um “desespero total” que atrapalha os modelos de negócio já estabelecidos. Para Borges, embora seja um “desafio”, a UNIVESP está preparada para se adaptar, pois já possui uma estrutura que permite essa flexibilidade. Essa diferença de reação reflete a distinção entre a lógica do lucro e a lógica do serviço público. Orlandi (1996, p. 45) nos lembra que o discurso é sempre atravessado por relações de poder e ideologia, e a forma como cada gestor interpreta e reage à resolução revela suas posições e interesses. A discussão sobre a modalidade, portanto, não é apenas técnica, mas profundamente política e ideológica, envolvendo diferentes concepções sobre o que é educação, para que serve e quem deve ser o principal beneficiário.

Em suma, o “apagão de professores” no Brasil é um fenômeno complexo que exige soluções multifacetadas. As visões de Adriano Coelho e Marcos Borges, embora distintas, oferecem insights valiosos sobre os desafios e as oportunidades. A superação desse “apagão” passará, neces-

sariamente, pela capacidade de integrar as contribuições da iniciativa privada, com sua eficiência e inovação, com a missão social da universidade pública, que busca garantir o acesso, a qualidade e a relevância da formação docente para todos. O diálogo entre essas diferentes perspectivas, mediado por uma análise crítica e fundamentada, é essencial para construir um futuro mais promissor para a educação brasileira.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA LÓGICA DO MERCADO: DESAFIOS E ADAPTAÇÕES

Adriano Coelho, ao discutir a formação de professores, reitera a necessidade de uma adaptação constante às demandas do mercado. Sua visão de que o “apagão” é um problema de “formação para um novo tempo, um novo ambiente e novas condições” implica que as instituições de ensino superior, especialmente as que formam docentes, devem estar atentas às rápidas transformações tecnológicas e sociais. Essa perspectiva, embora focada na eficiência e na empregabilidade, levanta questões importantes sobre o papel da universidade na formação de um profissional crítico e reflexivo, e não apenas um técnico adaptável.

Nóvoa (1992, p. 70) argumenta que a formação de professores não pode ser reduzida a um mero treinamento para o mercado de trabalho, mas deve ser um processo de desenvolvimento pessoal e profissional que capacite o docente a atuar de forma autônoma e criativa. A ênfase de Coelho na individualização do sucesso, onde o professor deve se tornar uma “raridade” através de esforço próprio, pode, paradoxalmente, desresponsabilizar o sistema educacional e as políticas públicas pela desvalorização da carreira. Essa visão, ao mesmo tempo em que inspira a busca por excelência, pode mascarar as desigualdades estruturais que impedem a maioria dos professores de alcançar tal patamar.

Tardif (2002, p. 145) destaca a importância dos saberes experienciais e práticos na formação de professores, que são construídos na interação com a realidade da sala de aula e com os desafios do cotidiano escolar. A

lógica de mercado, ao priorizar a formação de um profissional “adequado” às necessidades atuais, pode negligenciar a riqueza desses saberes e a complexidade da prática pedagógica. A preocupação de Coelho com a “ambiência de formação do professor inicial” sugere uma busca por modelos que garantam a eficiência e a adaptabilidade, mas que nem sempre contemplam a dimensão humana e relacional da docência.

Coelho também aborda a questão da inovação e da tecnologia na educação, afirmando que elas “vão ocupando lugar porque o cara deixou espaço”. Essa visão, que atribui à inércia dos professores e à má gestão pública a responsabilidade pela expansão de soluções de mercado, reforça a ideia de que o setor privado é mais dinâmico e eficiente na resolução dos problemas educacionais. No entanto, Gatti e Barreto (2009, p. 180) alertam para os riscos de uma visão puramente tecnológica da educação, que pode desconsiderar a dimensão pedagógica e a importância da interação humana no processo de aprendizagem. A tecnologia, embora seja uma ferramenta poderosa, deve estar a serviço da educação e não o contrário, e sua implementação deve ser acompanhada de uma reflexão crítica sobre seus impactos na formação de professores e na qualidade do ensino.

Orlandi (1996, p. 50) nos lembra que o discurso é sempre atravessado por relações de poder e ideologia. A fala de Coelho, ao priorizar a lógica de mercado e a eficiência, reflete uma determinada visão de mundo que busca reconfigurar a educação para atender aos interesses do capital. Essa reconfiguração, ao mesmo tempo em que impulsiona a inovação e a adaptabilidade, pode, paradoxalmente, aprofundar as desigualdades e desvalorizar a dimensão social e humana da educação, que não pode ser reduzida a uma mera transação comercial. A análise do discurso de Coelho, portanto, revela as tensões entre a lógica do mercado e a missão social da educação, e os desafios de conciliar essas duas perspectivas na formação de professores e no enfrentamento do “apagão” docente no Brasil.

CONCLUSÃO

O presente artigo buscou analisar o complexo fenômeno do “apagão de professores” no Brasil a partir das perspectivas de dois gestores educacionais com atuações distintas: o Dr. Adriano Coelho, representante da lógica de mercado no setor de consultoria, e o Dr. Marcos Borges, presidente de uma universidade pública, a UNIVESP. Através da análise de conteúdo de suas entrevistas em profundidade, à luz dos referenciais teóricos de Marília Amorim e Mikhail Bakhtin, foi possível desvelar as diferentes compreensões, os signos ideológicos e os gêneros discursivos que permeiam o debate sobre a formação docente e a Educação a Distância (EaD) no país.

As entrevistas revelaram uma tensão fundamental entre a lógica de mercado e a missão social da educação pública. Adriano Coelho, ao negar o apagão como um problema quantitativo e ressignificá-lo como uma questão qualitativa de formação e “*mindset*” individual, alinha-se a uma visão que prioriza a adequação do profissional às demandas do mercado. Sua crítica às políticas públicas e a ênfase na responsabilidade individual do professor por seu sucesso, embora possam estimular a busca por excelência, tendem a desconsiderar as condições estruturais e a desvalorização sistêmica da carreira docente. O discurso de Coelho, permeado por uma linguagem empresarial-consultiva, reflete a crescente mercantilização da educação e a influência do capital financeiro no setor.

Em contrapartida, Marcos Borges apresenta a UNIVESP como um modelo de sucesso que contrapõe a narrativa do apagão, especialmente no que tange à formação de professores em EaD. Sua fala destaca a capacidade da universidade pública de preencher vagas em licenciaturas, formar um grande volume de profissionais e, sobretudo, promover a inclusão social ao atender a um público de baixa renda e de regiões do interior. A estrutura pedagógica robusta da UNIVESP e a qualificação de seus profissionais demonstram que o EaD, quando concebido com intencionalidade pedagógica e apoio adequado, pode ser uma ferramenta

eficaz para a democratização do acesso à educação superior de qualidade. A cautela de Borges ao abordar a natureza política do “apagão” e sua percepção da “pressão política contra o EAD” evidenciam a luta ideológica em torno da modalidade, onde diferentes forças disputam o significado e o papel da educação a distância no cenário brasileiro.

As contribuições de Amorim e Bakhtin foram cruciais para aprofundar essa análise. Amorim (2009; 2012) permitiu compreender como o “discurso da ciência” pode ser apropriado por lógicas mercadológicas e como a argumentação na esfera pública é moldada por diferentes finalidades. Bakhtin (2014; 2015), por sua vez, ofereceu as ferramentas para desvendar os signos ideológicos presentes nas falas dos gestores, revelando como termos como “apagão”, “dados” e “raridade” são carregados de sentidos que legitimam ou contestam determinadas visões de mundo e interesses. A análise comparativa evidenciou que, embora ambos os gestores reconheçam problemas e desafios na formação docente, suas propostas e interpretações divergem fundamentalmente, refletindo as tensões entre o pragmatismo de mercado e a missão social da educação.

Em suma, o “apagão de professores” no Brasil é um fenômeno multifacetado que transcende a mera escassez numérica. Ele se manifesta na desvalorização da carreira, na inadequação da formação às novas demandas e nas disputas ideológicas sobre o papel e a qualidade das diferentes modalidades de ensino. A experiência da UNIVESP demonstra que o EaD público, com investimento em estrutura e qualidade pedagógica, pode ser uma resposta eficaz a esse desafio, promovendo a inclusão e a formação de profissionais qualificados. A experiência bem-sucedida na esfera do ensino público, com polos espalhados em vários pontos do país, aliados à preocupação pedagógica, não pode, no entanto deslegitimar a permanência do ensino privado na área. A existência das duas esferas é saudável, desde que a preocupação com a qualidade do ensino seja preponderante nas duas modalidades: pública e privada.

Assim, é imperativo que as políticas públicas considerem a complexidade desse cenário, promovendo a valorização da docência, aprimorando

a formação inicial e continuada, e garantindo que a expansão da EaD seja pautada por critérios de qualidade e equidade, e não apenas por lógicas de mercado. O debate sobre o futuro da educação no Brasil exige uma compreensão aprofundada dessas dinâmicas e um compromisso com as finalidades mais amplas da educação como direito social e ferramenta de transformação.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. **Argumentação na esfera pública**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 45.

AMORIM, Marília. **O discurso da ciência**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 23.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. p. 5.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2015. p. 30-36.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CP nº 4, de 2024. Dispõe sobre a obrigatoriedade de 50% de aulas presenciais nos cursos de EaD. Brasília, DF: MEC, 2024.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Apagão de professores**: Brasil pode ter déficit de até 235 mil docentes até 2040. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fluxo-educacao/apagao-de-professores-brasil-deficit-de-ate-235-mil-docentes-ate-2040>. Acesso em: 29 jul. 2025.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília, DF: UNESCO, 2009. p. 195-210.

INSTITUTO SEMESP. Risco de apagão de professores no Brasil. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/pesquisas/risco-de-apagao-de-professores-no-brasil/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

JORNAL DA USP. Brasil poderá ter carência de 235 mil professores de educação básica até 2040. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/brasil-podera->

-ter-carencia-de-235-mil-professores-de-educacao-basica-ate-2040/. Acesso em: 29 jul. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 95-100.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

REVISTA EDUCAÇÃO. **Apagão docente**: como evitar falta de professores no Brasil. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2025/05/08/apagao-docente-brasil/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 160-175.